

dossiê *temático*:

HISTÓRIA DE CONCEITOS DE MOVIMENTO

Apresentação

João Paulo Pimenta

Universidade de São Paulo

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v14i2p559-563

Com o triunfo da inteligência artificial e de dispositivos de distração e desinformação, a sala de aula converteu-se em lugar de enfrentamento de desafios inauditos. A generalização de comportamentos refratários ao pensamento reflexivo, crítico, solenemente silencioso e ao mesmo tempo respeitosa e compartilhado, há muito preparada pela persistente destruição global da educação como valor básico das sociedades, tem cada vez mais se aliado à aberta e descarada fraude, corolário quase que inevitável desse encontro de tempos acelerados e caóticos de uma modernidade capitalista que não cessa de se reinventar, em nome do novo, do lucrativo, do fácil e do rápido. No caso do ensino de História, lócus específico dessa situação geral, os desafios se irradiam de uma ponta a outra de todos os circuitos cruzados constituídos por seus sujeitos: alunos, professores, gestores universitários, agentes do mercado de trabalho,



famílias, a sociedade em geral. Em meio a pensamentos, ações e culturas que oferecem a concretude desses circuitos, a avaliação converteu-se em uma espécie de pesadelo, dolorosamente sonhado por desamparados e confusos estudantes, e por sobrecarregados e desconfiados professores.

As respostas mobilizadas à interrogação docente em torno dos fundamentos da prática de avaliação no ensino superior de História mostram reações das mais diversas, dentre as quais as mais inovadoras talvez sejam as que admitem abertamente o problema da fraude. Não mais na velha perspectiva moralista e individualmente condenatória que atribuía a desvios de conduta isolados, mas na renovada visão de que vivemos, todos, em uma sociedade inclinada e até mesmo promotora do engano, da trapaça, da competição desenfreada, da antecipação de lucros e da quase certeza da escassez de dividendos. Felizmente, tem crescido o número de docentes que têm desenvolvido métodos avaliativos *a partir* de ferramentas de inteligência artificial, bem como os que promovem atividades de leitura crítica dos conteúdos históricos de ferramentas de desinformação. Bafejos de ar puro acompanhados por sons de resistência.

De nossa parte, limitamo-nos, até o momento, a observar situações didáticas favoráveis a processos avaliativos tradicionais que, com pequenos ajustes, podem escapar às trampas do nosso tempo, pelo menos a algumas delas. Um projeto piloto desenvolvido em 2017, uma das ocasiões em que lecionamos no Departamento de História da FFLCH-USP a disciplina optativa “História Social do Tempo”, partiu do indicativo de conversão da avaliação final em um artigo científico, sendo que todos os alunos que obtivessem nota máxima no julgamento do professor seriam posteriormente por ele orientados e encaminhados para publicação. Após



passarem por processos de avaliação completamente autônomos por parte de duas revistas de graduação de História – a *Hydra*, da UNIFESP, e esta mesma *Epígrafe*, do DH-USP – foram publicados 11 artigos, agrupados em dois dossiês¹. Replicada na disciplina também optativa “História Conceitual”, em 2024, tal experiência resultou em outros 18 artigos, também agrupados em dois dossiês: o primeiro, na revista *(entre)linhas*²; o segundo, este cuja apresentação o leitor agora lê.

O estímulo à elaboração de um trabalho final de graduação como um artigo acadêmico, e sua eventual publicação ulterior, só são possíveis em se tratando de uma atividade desenvolvida em articulação com um conteúdo didático mais ou menos específico, como é o caso de uma disciplina optativa na grade curricular da USP (certamente nas dos cursos de outras universidades também). Essa atividade é mais difícil em disciplinas obrigatórias, introdutórias, oferecidas aos discentes nos dois primeiros anos de curso, não apenas porque ela corre o risco de se transformar em uma precoce e estressante atividade para a qual eles ainda não estão devidamente preparados, mas também porque a tendência é que resulte em uma contribuição acadêmica tímida e pouco expressiva do ponto de vista da historiografia. Bons estudantes de História podem perfeitamente elaborar bons artigos científicos, desde que voltados a temas adequados ao caráter mais de especialização e menos de generalização que tal tipo de produção exige.

A elaboração de um artigo científico não oferece salvaguarda à fraude acadêmica, evidentemente; mas quando concebida no contexto

¹ <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/issue/view/652>;
<https://revistas.usp.br/epigrafe/issue/view/10882>.

² <https://periodicos.ufop.br/entrelinhas/issue/view/464>



formativo da graduação, uma vez voltada a um tema específico diretamente relacionado ao curso, e sobretudo – como foi o caso das experiências aqui mencionadas – ao contar com a supervisão continuada do professor ao longo de sua feitura, essa elaboração torna a fraude mais difícil, desestimulando-a. E como nenhuma atividade docente é isenta de erros e distorções, esta encontra uma parceria decisiva na atividade diligente das revistas acadêmicas, cujos valores e procedimentos também podem contribuir sobremaneira para a formação do estudante.

*

Que o tom sombrio destas palavras não engane o leitor: a imensa maioria dos trabalhos realizados nas duas ocasiões aqui mencionadas revelaram estudantes inteligentes, engajados, curiosos e muito bem-preparados para o futuro desempenho de suas atividades historiadoras. Por outra parte, a atividade docente se fez em meio a ambientes estimulantes e altamente recompensadores. E é por isso que chegou-se até aqui, a mais uma reunião de trabalhos finais convertidos em artigos que não terão servido somente ao aperfeiçoamento intelectual e profissional de seus autores, mas também à historiografia que os convida. E que convida também todos os demais estudantes, e não apenas de História, mas igualmente de outras disciplinas afins, que encontrarem nesta publicação alguma correspondência a seus interesses.

Se o dossiê de *(entre)linhas* reuniu contribuições genéricas em torno da História Conceitual, abordada não como expressão autônoma da Teoria da História como campo de conhecimento, mas como arcabouço metodológico a serviço de uma história teoricamente informada de



objetos dos mais variados, este de *Epígrafe* aponta para uma convergência algo específica, espontânea e não-planejada ao longo do curso que o engendrou: é que neste caso, todos os conceitos abordados como objetos primordiais dos artigos se constituíram, em alguma medida e em contextos históricos particulares, como conceitos de *movimento*. Reinhart Koselleck em muitas ocasiões se referiu a conceitos de movimento como realidades histórico-linguísticas típicas da aceleração conceitual da modernidade ocidental, para ele constituída a partir de meados do século XVIII, mas também como elaborações de outros contextos nos quais não necessariamente apontaram para passados cada vez mais distantes ou futuros potencialmente inovadores. É precisamente o que observamos nos estudos aqui reunidos: conceitos como *história*, *crise*, *produção*, *jogo*, *sacrifício* e *martírio* deram, em distintas situações, concretude a realidades em movimento plasmadas em meio à dialética básica que faz com que qualquer conceito seja, simultaneamente, sintoma dessas mesmas realidades, bem como definidoras de suas próprias possibilidades de existência.

Que o interessado neste dossiê temático desfrute de uma leitura que possa ser não apenas construtiva do ponto de vista dos conteúdos nele apresentados, mas também inspiradora pela trajetória anterior de seus excelentes autores.